

A impressão digital que mentiu

WILLIAM DE PALMA estava numa cabina telefônica de um posto de gasolina, a cerca de 15 quilômetros a sueste de Los Angeles. A cabina se achava superaquecida pelo sol, e o suor produzido pelo calor, pelo medo e pela apreensão ensopava William. Era o dia 18 de outubro de 1969, e ele estava em liberdade sob fiança, depois de ter sido condenado por assalto de um banco a mão armada. Seu advogado já esgotara todos os recursos e, em menos de duas semanas, De Palma, que então contava 32 anos de idade, teria de começar a cumprir pena de 15 anos numa prisão federal.

Sua camionete, na qual ele vendia sanduíches, refrigerantes e cigarros aos operários, estava estacionada ali perto. Tirou algumas moedas da sacola de trocos, que lhe pendia da cintura, e ligou para os departamentos de criminologia das universidades de Los Angeles e imediações e para várias entidades de assistência jurídica. Explicou-lhes que tinha sido condenado por um crime que não cometera. Se fosse para a prisão, deixaria desamparadas a mulher e três filhas. Necessitava desesperadamente do auxílio de alguém, a fim de provar sua inocência.

*Treze testemunhas juraram
que ele não poderia ter
cometido o crime, mas uma
maldita prova influenciou
o tribunal*

JOSEPH P. BLANK

Um advogado do gabinete de Defensores Públicos do Condado de Orange disse-lhe: «Lamento muito, mas não estamos autorizados a interferir em casos jurídicos federais.»

«Deve haver alguém que possa me ajudar», declarou De Palma.

Houve uma pausa. Depois, acrescentaram: «Tivemos aqui no escritório um investigador chamado John Bond, mas saiu para trabalhar como detetive particular. Se Bond acreditar no senhor, fará o melhor que puder.»

«Esse é exatamente o homem de quem preciso», disse De Palma entusiasmado.

JOHN BOND, de 47 anos, ouviu com atenção De Palma contar sua história: «Duas caixas do banco me identificaram como o ladrão, e investigadores da polícia afirmaram que

havia uma impressão digital minha no balcão em frente da caixa, mas juro que nunca estive nesse banco em toda a minha vida. No entanto, 13 testemunhas depuseram dizendo que, no momento do assalto, eu me encontrava a 27 quilômetros do banco, servindo-lhes comida, e, mesmo assim, fui condenado.»

Bond já ouvira muitas vezes confissões de inocência que acabavam por se revelar falsas. Pressentia, porém, que De Palma estava sendo sincero. «Quero que você se submeta a um teste com o detetor de mentiras», disse ele a De Palma. «O melhor operador que conheço é um examinador polígrafo, aposentado do Departamento de Polícia de Los Angeles. Se houver alguma falha no que você vai contar, ele saberá encontrá-la.»

Após um teste de três horas, o operador disse a Bond: «Estou convencido de que De Palma não assaltou o banco Mercury Savings and Loan, em Buena Park. Ele nunca esteve nesse banco em toda a sua vida.»

Bond decidiu tomar conta do caso, apesar de De Palma dever 20 mil dólares de emolumentos legais e de não ter dinheiro para pagar a um investigador.

Ao discutir o julgamento com De Palma, Bond tomou conhecimento de que duas mulheres, que eram caixas do banco, tinham positivamente identificado aquele cliente. Um especialista de identificação da polícia declarou que tinha encontrado impressões digitais no balcão

onde se dera o assalto; outro especialista, o sargento John Bakken, disse que havia examinado as impressões digitais e descobrira que uma delas (uma impressão do indicador esquerdo, identificada como a Prova n.º 4) pertencia sem dúvida a De Palma. Seu testemunho era apoiado pelo de um perito de impressões digitais do F. B. I. Apesar disso, 13 testemunhas juraram que, na ocasião do assalto, De Palma estava lhes servindo sanduíches e café perto da fábrica onde trabalhavam, a 27 quilômetros do banco.

Bond admitia que as duas caixas poderiam honestamente ter-se enganado ao identificarem De Palma. Conversou com lojistas das imediações do banco e, por fim, acabou por encontrar uma mulher que afirmava ter visto, através da vitrina, um homem cujos traços coincidiam perfeitamente com as descrições que as testemunhas tinham feito do assaltante. Bond mostrou-lhe uma fotografia de De Palma, mas ela afirmou não ser aquele o homem. Seu depoimento persuadiu o juiz Charles Carr a conceder mais tempo ao advogado de De Palma para conseguir novas provas.

Bond foi então aos arquivos de um jornal e estudou todos os roubos de bancos ocorridos naquela área nos últimos três anos. Os menores de alguns assaltos apresentavam as mesmas características que o caso de Buena Park. Bond falou com policiais, com advogados criminais e promotores de justiça. Nos casos em que alguém tinha

sido condenado, ele estudou os autos dos julgamentos e conversou com familiares e vizinhos. O trabalho de coleta de informações era cansativo, monótono e demorado. Quando, finalmente, Bond pensou ter encontrado o homem, tratou de entrar em contato com ele numa prisão federal, onde o presidiário lhe declarou: «Confessei ter praticado 25 assaltos a bancos, mas não fui o autor do roubo de Buena Park; se fosse, eu lhe diria, porque isso já não teria qualquer influência sobre minha sentença.»

Ao discutir suas frustrações com seu cliente, Bond admitiu tristemente: «Bill, receio que não esteja chegando a nenhuma conclusão.»

«Não desista, por favor», disse-lhe De Palma. «O senhor é a minha última esperança.»

EM FEVEREIRO de 1971, o juiz Carr rejeitou o apelo para um novo julgamento. «Evidentemente que um juiz não deseja ver condenado um homem inocente», afirmou, depois de comunicar sua decisão. «Neste caso, eu quis estar tão perto da certeza quanto possível. Francamente, foi a impressão digital que resolveu a questão.» Bond sentiu-se agoniado, pois tinha acabado com as esperanças de seu cliente.

O prazo de liberdade condicional de De Palma terminou em princípios de agosto de 1971. Dois oficiais de justiça levaram-no sob custódia e, duas semanas depois, foi conduzido para a penitenciária da ilha de McNeil, no Estado de Washington.

De Palma estava chocado, confuso e incrédulo. «Eu amava o meu país», recorda ele. «Acreditava na lei e na ordem. Supunha que minha pátria trataria seus cidadãos com igualdade e justiça, mas, de repente, tudo aquilo em que eu acreditava se virou contra mim, levou-me à prisão e destruiu minha família. Como podia uma terra que eu tanto amava ter-me feito uma coisa dessas?»

Com nove outros condenados, ele foi jogado numa cela que tinha uma única privada e um único lavatório. Vivia em permanente temor. A homossexualidade era desenfreada. Viu homens desnorteados depois de lerem cartas de suas mulheres planejando o divórcio, ou dos filhos pretendendo deixar de escrever. Uma vez, foi violentamente atacado por um companheiro de cela enfurecido.

De Palma, porém, jamais desistiu, e nunca se conformou com a decisão dos tribunais. Na prisão, solicitou um conselho jurídico. Continuou a escrever a Bond, incitando-o a prosseguir na procura da verdade. Quando as saudades da mulher e das filhas o impeliam para uma profunda depressão e o faziam revoltar-se silenciosa e amargamente contra a injustiça de que ele e sua família tinham sido vítimas, rezava: «Senhor! Não me deixes ter os pensamentos que tenho tido. Não permitas que me transforme no animal vingativo a que estes homens ficaram reduzidos. Por favor, salva-me do desespero, peço-te.»

Quando De Palma foi para a prisão, sua família ficou sem nada. A mulher, Marie, apelou para o serviço de assistência social, sendo-lhe concedida uma pensão mensal de 260 dólares. Esta quantia, juntamente com as senhas de alimentação, garantia a sobrevivência da família. Marie educou as filhas com amor, mas com austeridade, e as fez se sentirem orgulhosas de si próprias e da família. Encorajou-as a obterem boas notas na escola: «Papai se sentirá feliz por isso. Ele saberá que vocês fazem o melhor que podem por ele.»

À noite, depois que as crianças já estavam deitadas, ela chorava sua desgraça. Então, dizia a si própria: «Não se descontrole. Você não pode fazer nada contra o mal que já está feito, mas tem uma missão a cumprir – zelar para que sua família não seja destruída.»

JOHN BOND também não desistiu. Concentrou sua atenção na maldita impressão digital apresentada em juízo pelo sargento Bakken. Entre as pessoas que entrevistou, havia um antigo policial de Buena Park, que depois passara a prestar serviço em outro departamento da polícia. Esse homem declarou a Bond: «Quando estava em Buena Park, investiguei um assalto a uma mercearia e encontrei uma pistola num terreno baldio perto do local. Procurei impressões digitais e, não encontrando nenhuma, limpei bem a arma, que foi depois entregue a Bakken. Dois dias depois, ele relatou

que tinha encontrado três impressões digitais na pistola, as quais coincidiam com as de um dos réus. Fiquei atônito. Eu sabia que ele não poderia ter descoberto tais impressões. Os réus se declararam culpados perante o tribunal, pelo que Bakken não teve de testemunhar sob juramento.»

Bond reviu os autos do julgamento. Bakken jurara que era perito em impressões digitais em Minnesota e que recebera sua preparação em criminologia na escola especial da Universidade de Minnesota. Bond verificou essas referências e chegou à conclusão de que Bakken ou mentira ou exagerara bastante.

Então, o detetive se dirigiu aos agentes da polícia de Buena Park e apresentou o que havia descoberto acerca do passado de Bakken. «Se Bakken já falsificara provas uma vez, pode tê-lo feito também no caso de De Palma», argumentou.

O departamento de polícia aceitou a entregar a questão ao promotor de justiça e ao laboratório criminal do Condado de Orange. A dúvida suscitada aos peritos de laboratório Larry Ragle e Robert Wagener era: «Será possível que a impressão digital de De Palma, que constitui a Prova n.º 4, seja falsa?»

Ragle observou ao microscópio o cartão de plástico transparente que continha a impressão digital de De Palma. Havia uma outra impressão digital no cartão, e se descobriu que pertencia a Bakken. Isso, por si só, não era suspeito, uma vez que Bak-

ken, involuntariamente, poderia ter deixado a impressão digital no cartão, ao preparar a prova.

O que chamou a atenção de Ragle foi o fato de o pó das duas impressões digitais ser nitidamente diferente. A impressão digital de Bakken era composta por pó negro de impressões digitais, que fora utilizado pela polícia de Buena Park exclusivamente na investigação do caso do banco; no entanto, as partículas na impressão de De Palma eram muito maiores e totalmente diferentes na forma. Ragle reconheceu-as como sendo constituídas desse pó que é utilizado em máquinas copiadoras Xerox.

Se a impressão digital de De Palma não tinha sido colhida no balcão da caixa, de onde teria vindo então? Ragle e Wagener formularam a hipótese de que o preparador da Prova n.º 4 tinha tirado uma fotocópia Xerox de uma impressão digital de De Palma, contida num cartão já existente, e destacara do papel a impressão copiada com fita de impressões digitais.

Uma verificação dos arquivos da polícia revelou que De Palma, quando adolescente, fora preso por um delito de pequena importância e que, nessa altura, lhe tinham tirado as impressões digitais. Na ocasião em que fora preso por assalto a mão armada, o departamento de polícia de Buena Park tinha em seu poder o antigo cartão da impressão digital.

Em plástico transparente, Wagener ampliou a antiga impressão di-

gital do indicador esquerdo, que constituía a Prova n.º 4. As duas coincidiam perfeitamente, indicando precisamente a mesma posição do dedo – coincidência praticamente impossível. Conclusão: a Prova n.º 4 fora forjada e não era mais do que uma fotocópia do antigo cartão de impressões digitais.

Bond tomou um avião e foi à penitenciária da ilha de McNeil a fim de comunicar a De Palma os resultados da investigação. Então, teve de acrescentar: «O prazo de cinco anos do estatuto de limitações já expirou; por isso, ninguém pode ser processado pelo que foi feito a você, mas parece que o promotor de justiça vai mandar prender e processar Bakken por uma falsificação de impressões digitais mais recente.»

«Meu Deus! Por que me fizeram isto a mim?», perguntou De Palma.

Bond não soube responder. No entanto, podemos conjecturar. Talvez o falsificador estivesse convencido de que De Palma era realmente o culpado e tivesse cometido seu crime para consolidar um caso extremamente débil; ou talvez, simplesmente, cobiçasse o papel eminentemente que é concedido a um perito e a uma testemunha fundamental.

UM MÊS depois, Bakken foi acusado de falsificação de provas num caso ocorrido em 1970. Não negou a acusação e foi condenado a um ano de prisão. Algumas semanas depois, em dezembro de 1973, De Palma saía em liberdade condicio-

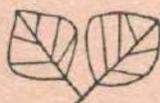
nal, depois de ter estado quase dois anos e meio na prisão.

Em fevereiro de 1974, perante o juiz Carr, realizou-se uma audiência em que o promotor retirou a acusação contra De Palma.* O juiz concordou, comentando: «Ninguém disse que o Sistema é perfeito.»

* Em agosto passado, William De Palma recebeu extrajudicialmente uma indenização de 750 mil dólares, pelo tempo que esteve preso injustamente. Supõe-se que seja esta uma das mais vultosas indenizações já concedidas em virtude de erro judiciário.

Quando De Palma abandonou a sala de audiências, como homem livre e com seu nome ilibado, não sentia nem alegria nem triunfo pela decisão do tribunal, mas apenas um justificado alívio.

Hoje, ele declara: «Toda aquela experiência foi um horror, exceto em uma coisa – o fato de eu ter conhecido John Bond e de saber o que ele fez por mim. O juiz declarou que o Sistema não é perfeito, mas, graças a Deus, esse Sistema nos deu um homem como John Bond.»



AO REGRESSAR à minha faculdade, em Oxford, depois da meia-noite, encontrei outro indivíduo que também havia chegado atrasado e que estava hesitante em frente do portão. «Venha comigo!», disse eu ao desconhecido. Após escalarmos o muro da faculdade, conseguimos pular para o pátio interno.

«Vê-se logo que você não tem muita experiência de pular muros», comentei.

«Realmente não tenho», respondeu ele sorrindo. «Aos professores, eles costumam dar uma chave.»

– J. M. N.

TEMOS uma cadela bassê de dois anos, que detestava ficar sozinha em casa e que, para se consolar durante a nossa ausência, costumava ir buscar um pequeno travesseiro de cetim em cima da minha cama e se aninhar com ele num canto até que voltássemos. Há tempo, resolvemos comprar um grande cão de caça para lhe fazer companhia e, quando saíamos, eu tirava o travesseiro de cima da cama e o colocava em cima da cômoda.

No entanto, ao regressarmos, sempre encontrávamos a cadela aninhada no seu canto habitual, com o travesseiro entre as patas. Quando este fato se repetiu algumas vezes, resolvi tentar descobrir como conseguia isso. Fiz de conta que saía de casa, bati com força a porta da frente e voltei pela janela dos fundos, mesmo a tempo de ver a cadelinha chegar perto do cão de caça ganindo. Amavelmente, ele retirou com os dentes o travesseiro de cetim de cima da cômoda e o deu à cadela bassê. Então, os dois se deitaram novamente para esperarem por nós.

– N. D. H.